

Dedicando tempo ao tempo

em abril

1° de abril de 2025

Querido leitor,

Você tem andado de trem ultimamente? Ou de avião? E de ônibus? Táxi? Em seu próprio carro? Ou você é uma dessas pessoas que gostam de ir a pé para todos os lugares? Você está tentando sair e fazer caminhadas tanto quanto possível?

Talvez você esteja pensando em viajar — para algum lugar quente, algum lugar frio, algum lugar remoto e pitoresco. Ou talvez você prefira algo mais perto de casa. Você é uma dessas pessoas que gosta de passar o tempo debaixo de uma árvore?

Faço essas perguntas porque cada atividade, cada meio de transporte, tem sua própria velocidade associada a ela. Nesse sentido, é similar ao tempo. Dependendo do que estamos fazendo e de como estamos fazendo, percebemos o tempo se movendo lenta ou rapidamente. Então, como o tempo *tem* se movido para você recentemente? Ele tem passado muito rápido? Ou tem simplesmente se arrastado? Ou tem se movido exatamente no ritmo que você previu?

Em algum lugar neste planeta, está amanhecendo. Depois é o meio da manhã, é meio-dia, são as lânguidas horas da tarde. É o místico crepúsculo. É o fim da tarde. É a noite azul-escura. As mãos do tempo continuam sua marcha cíclica em torno de nossas vidas. Ou é o contrário?

Em meio a essa interminável rotação do dia e da noite, ocorre um fenômeno curioso. *Nós ficamos sem tempo*. Ficamos sem tempo para realizar

nossas intenções, para alcançar nossos objetivos, para concretizar nossos sonhos. Ficamos sem tempo para fazer o que tínhamos planejado fazer. Somos incapazes de aproveitar ao máximo nosso tempo.

Então o que está acontecendo? O que devemos fazer? O que *não* devemos fazer? Por um lado, temos que aprender a navegar melhor no tempo; por outro lado, temos que nos render. Temos que administrar nosso tempo — e temos que deixar para lá. Temos que nos mover; temos que permanecer parados. Temos que ser vocais; temos que ficar calados. Temos que liderar; temos que contribuir. Somos impelidos a servir; somos obrigados a deixar tudo acontecer como tiver que ser. Temos que fazer isso, temos que fazer aquilo e, o tempo todo, a pergunta soa mais alto em nossa mente: *como*? Como — fazemos — tudo — isso? Estamos sempre correndo o risco de ficar sem tempo.

Enquanto eu cogitava sobre o que queria transmitir para vocês nesta carta, eu ouvia a voz de Gurumayi na minha cabeça cantando este *bhajan* do santo-poeta Surdas: *aba na banī to phira na banegī, nara tana bāra bāra nahīn milatā*. “Se não for alcançado agora, quando será então? Um corpo humano não é adquirido repetidas vezes.” O tempo pode ser infinito no sentido cósmico, mas o tempo concedido a cada um de nós é certamente finito. Como crescemos ouvindo de nossos pais e mentores, precisamos usar o tempo sabiamente, caso contrário o perdemos para sempre.

Agora, existe um sentido inato de urgência que acompanha essa verdade — mas isso não significa que ela precisa ser assustadora. No caminho de Siddha Yoga, aprendemos com nossos Gurus a importância de começar cada dia como um *novo* dia, com uma atitude renovada e uma mente de iniciante. A cada manhã, podemos ansiar por fazer nosso melhor esforço e deixar a graça se revelar — e depois nos esforçar novamente. Como um de vocês compartilhou de forma tão eloquente no site do caminho de Siddha Yoga:

Recebi a **Mensagem de Gurumayi para 2025** como um convite para reivindicar minha própria habilidade de moldar cada dia no formato que eu desejar. É *meu* tempo, e fazer ele “valer o meu tempo” é uma escolha que eu sempre tenho.

Eu me identifico com o que esse Siddha Yogue compartilhou, especialmente seu ponto sobre *reivindicar nossa habilidade*. Com muita frequência, quando somos confrontados por pessoas ou situações desafiadoras, desistimos facilmente. Renunciamos à nossa atuação, resignando-nos a nosso “destino”, como se fosse algo pré-determinado. Mas isso não é realmente verdade, é? Como essa pessoa nos lembrou, nós sempre temos escolha.

Então, aqui estamos nós, no mês de abril. À nossa volta, no Shree Muktananda Ashram, observamos como a natureza reivindica uma parte essencial de seu caráter. Ela está se renovando, sabendo intuitivamente o que e quem ela deve ser. É como se estivesse nos dizendo: “Sim. É o meu momento agora. Vou envergar o manto da primavera. Vou incorporar o ‘*bhav* da primavera’.” E assim, o clima fica mais quente. Os narcisos florescem. Com sua alegre aparência branca e amarela, não é nenhuma surpresa aprendermos que, nas tradições ocidentais, os narcisos são associados com o renascimento e os novos começos. Nas culturas orientais, eles estão ligados à boa sorte e à prosperidade.

Este ano, a Páscoa é no dia 20 de abril. Quando penso na Páscoa, eu costumo pensar nas crianças. Elas adoram estar na natureza, que é quando saem para a caça aos ovos de Páscoa. Se você já teve a oportunidade de estar perto de crianças quando elas estão caçando ovos de Páscoa, saberá da animação que é simplesmente observar. É o suficiente para despertar o seu próprio entusiasmo infantil.

Mais para o final no mês, no dia 29 de abril, vamos celebrar o **Akshaya Tertiya**. Esse é um dos três dias e meio mais auspiciosos do ano no

calendário indiano, e também está associado com temas de abundância e novos começos. É considerado um momento especialmente favorável para embarcar em algo novo.

É revigorante ter todas essas oportunidades para experienciar o novo, não é? É estimulante — não é mesmo? — cultivar a perspectiva do novo.

Alguns dias atrás, no período do equinócio de primavera, Gurumayi estava lá fora com uma das crianças que estava visitando o Ashram com a família. O ar estava tão leve, tão doce, tão *maravilhoso* que Gurumayi girou os braços num movimento semelhante a uma fita e colheu “algo” invisível da atmosfera. Depois Gurumayi simulou comer esse “algo”. A criança olhou para ela admirada e disse:

— O que está fazendo, Gurumayi?

— O ar está tão refrescante — respondeu Gurumayi — então estou tomando um pouco!

A criança riu e imediatamente começou a fazer o mesmo. Dessa maneira, Gurumayi e a criança passaram alguns momentos juntos apreciando o ar.

Onde quer que você esteja no mundo — e seja qual for a estação do ano — espero que você também tenha a chance de respirar a novidade e o frescor do ar. Espero que tome isso como um lembrete de que a cada momento você pode se renovar. Se me permite perguntar, você dedicou tempo este ano para reconhecer que você não está, de fato, à mercê do tempo? Que não é simplesmente uma vítima de qualquer desfile de eventos que o tempo traga?

Eu escrevi anteriormente sobre como Gurumayi usa a frase “*seu tempo*” em sua Mensagem para 2025 — o “seu” como uma indicação tão clara quanto qualquer outra de que nosso poder aqui não é insignificante. Tomando emprestada a analogia do Siddha Yogue que citei anteriormente,

somos como escultores no sentido de que temos a habilidade de esculpir tempo para as atividades que consideramos importantes. Podemos criar algo belo, algo valioso, com o tempo que temos.

Então temos esse poder, certo? E isso é uma coisa boa. Mas como você sabe, ter poder também significa ter responsabilidade. Cabe a cada um de nós considerar: quais são os princípios segundo os quais moldamos nosso tempo? Quais são os critérios?

Qualquer um que tenta moldar o tempo apenas para satisfazer seus caprichos negligencia sua obrigação moral de apoiar o bem comum. Todos têm o direito de existir neste planeta. Estar aqui é um presente concedido igualmente a todos nós. Como seres humanos, devemos respeitar uns aos outros. Isso significa reconhecer e aceitar o estilo de vida de outras pessoas. Significa respeitar o tempo delas assim como respeitamos o nosso. Significa fazer o esforço para aprender os ritmos do tempo. Cada momento da vida nos presenteia com uma escolha — de como queremos pensar, agir e reagir — e é o acúmulo dessas decisões, assim como de várias outras, que dará início a uma nova maneira de ser.

Soa legal, não? *Dar início a uma nova maneira de ser. Vamos fazer isso!*

Atenciosamente,

Eesha Sardesai

